

O ESTILO IRÔNICO DE RUBEM BRAGA E OS ASTROS DE MIRAKOFF

THE IRONIC STYLE OF RUBEM BRAGA AND THE STARS OF MIRAKOFF

Paulo Ricardo Fernandes Rocha³²
Ana Maria Remígio Osterne³³

RESUMO: Neste artigo, será perceptível o objetivo de tracejar o estilo irônico do cronista Rubem Braga. As pontuações do estilo do autor em destaque foram vistas dado o contexto social e histórico da época em que este realizou suas produções artísticas, ao longo do século XX. Há motivos válidos para a produção do presente artigo, haja vista Rubem Braga, através de suas crônicas, ainda ser centro de várias pesquisas, quer na rede regular de ensino (fundamental e médio), quer na Academia. Os temas abrangidos nas crônicas de Braga, embora discutidos em um contexto do século XX, ainda são temas atuais por tratarem de problemas atemporais no tocante ao cotidiano da sociedade. Os teóricos que contribuirão à pesquisa feita serão: Sousa (2012), Drummond (2012), Costa (2011), Candido (1992), Santana (2006), Ribeiro (2009), Brandão (1983), Muecke (1995). Essa relação contexto - estilo irônico nas crônicas de Rubem Braga será analisada com base na produção artística “Aconteceu com Orestes”, do referido cronista, detectando-se a ironia dele sendo disparada contra as previsões astrológicas de um personagem chamado Mirakoff.

PALAVRAS-CHAVE: Rubem Braga. Ironia. Mirakoff. Astros.

ABSTRACT: In this article will be noticed the objective to trace the ironic style of the chronicler Rubem Braga. The punctuations of the highlighted author's style were seen given the social and historical context of the time in which his artistic works were made, throughout the 20th century. There are genuine reasons for the elaboration of this paper, considering that Rubem Braga through his chronicles still is basis for various research whether in the unified school districts or in the Academia due to the themes approached in his chronicles that although discussed in a twentieth century context, are still prevailing themes because it deals with timeless problems regarding the day-to-day of society. The theoreticians who will contribute to the research will be Sousa (2012), Drummond (2012), Costa (2011), Candido (1992), Santana (2006), Ribeiro (2009), Brandão. This context relation – ironic style in the chronicles of Rubem Braga will be analyzed based on the chronicle “Aconteceu com Orestes” by the aforementioned chronicler, detecting his irony being discharged against the astrological predictions of a character named Mirakoff.

KEYWORDS: Rubem Braga. Irony. Mirakoff. Stars.

³² Mestrando do Programa de Pós-Graduação em Ciências da Linguagem, da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte - UERN (2016). Graduado em Letras - Habilitação em Língua Portuguesa e suas respectivas Literaturas pela Universidade do Estado do Rio Grande do Norte - UERN. E-mail: prferocha@gmail.com

³³ Mestre em Literatura pela Universidade Federal do Ceará (2002). Graduada em Letras - Português pela Universidade Estadual do Ceará (1997). E-mail: remigioprof@yahoo.com.br

1 INTRODUÇÃO

É significativo, com respeito a Rubem Braga, as pesquisas que nos direcionam para o contexto em que este se encontrava, como veremos mais adiante. Paralelo a isso, também vários teóricos não hesitaram em caracterizar a maneira em que o autor compunha as crônicas, o estilo dele, dentre esses: Sousa (2012), Drummond (2012), Costa (2011), Candido (1992), Santana (2006).

Vale ressaltar que será necessário darmos uma atenção especial para o modo como Braga utiliza a figura de linguagem ironia, ancorados em teóricos como Ribeiro (2009), Brandão (1983), Muecke (1995), pois esta vem a contribuir como uma ferramenta valerosa na efetivação da crítica dele a determinados aspectos sociais.

Desta forma, o presente artigo depois de fazer uma jornada do contexto de Braga, e seguidamente do estilo deste, terá por objetivo pontuar o estilo irônico do autor em destaque, por meio da análise de recortes da crônica “Aconteceu com Orestes” (1978) - produção de Rubem Braga. Neste sentido, constataremos o modo como Rubem utiliza a ironia “contra uns presságios” encontrados em uma seção de jornal, produzidos por um indivíduo chamado Mirakoff, responsável pelo horóscopo do *Diário Carioca*.

2 CONTEXTUALIZAÇÃO DO AUTOR

Segundo Portela (2013), Rubem Braga chegou a ser correspondente da Revolução Constitucionalista de 1932 para o jornal mineiro *Diários Associados*. Embora Rubem Braga fosse formado em Direito, foi no campo jornalístico que esse teve suas letras petrificadas no acervo literário nacional.

Segundo Souza (2012, p.14), ao apontar uma contextualização para o cronista, além deste no cenário da Revolução Constitucionalista de 1932, também pode-se remetê-lo a outros acontecimentos: “[...] a participação do Brasil na batalha de Monte Castelo, durante a Segunda Guerra Mundial-, foi editor de livros, chefe do escritório de Expansão Comercial do Brasil no Chile, embaixador do Brasil no Marrocos”.

Profissionalmente, ao realizar atividades como repórter, Rubem Braga

[...] conheceu grandes personalidades brasileiras e internacionais, como os escritores Manuel Bandeira, Carlos Drummond de Andrade, Clarice Lispector, Cecília Meirelles, Jorge Luiz Borges, Gabriel García Marquez, Manuel Puig, Pablo Neruda, Jacques Prévert, Jean-Paul Sartre, Simone de Beauvoir e outros [...] (SOUSA, 2012, p. 14).

Já nos direcionando para os temas do cronista, em decorrência do contexto em que este vivia, podemos elencar uma gama de assuntos abordados por ele. Acerca desses temas, é notável a opinião de alguns pesquisadores que refazem a jornada do cronista, por exemplo, Ribeiro (2009, p. 88-89):

No decorrer de sua longa trajetória profissional, Rubem Braga escreveu sobre quase todas as questões do século XX: sobre o nazismo, o franquismo, o salazarismo, o comunismo; sobre a revolução cubana e a invasão daquele país pelos Estados Unidos; atacou as atitudes retrógradas da Igreja Católica e defendeu a Teologia da Libertação; combateu as ditaduras do Estado Novo e a militar de 1964; defendeu o monopólio da Petrobrás, nos anos 50; defendeu a indiferença do governo e das elites econômicas em relação à miséria do povo brasileiro; previu, já nos anos 50, os graves problemas que decorreriam dessa indiferença; denunciou negociatas as mais diversas e, reiteradamente, a falta de fiscalização da indústria farmacêutica pelo governo; analisou as transformações verificadas no mundo moderno; as novas tecnologias e seus impactos, a ocupação do mercado de trabalho pelas mulheres, as novas linguagens artísticas e literárias; atacou a ação violenta e arbitrária das polícias e das forças armadas, denunciou a censura e as torturas nas delegacias e nos quartéis; defendeu presos políticos (quando ele mesmo não era um); acompanhou, como repórter, a Guerra Fria, a política do petróleo, as experiências nucleares, a tomada do poder por Fidel Castro em Cuba [...]

Por conseguinte, e de maneira mais delimitada, é também possível encontrarmos uma visão de Rubem Braga sobre a realidade social brasileira. Dessa maneira, o cronista realiza críticas para os diversos problemas encontrados na sociedade brasileira. Por exemplo:

[...] defendeu a preservação da estabilidade do emprego dos trabalhadores; deu voz aos subúrbios esquecidos e abandonados; acolheu inovações na cultura brasileira, a exemplo da roqueira Rita Lee, atacada por críticos, nos anos 60; apoiou campanhas de alfabetização; combateu práticas nocivas, como a cultura do “jeitinho”, a pena de morte e o preconceito de homossexuais e

prostitutas; ironizou o compadrio e o jogo de interesses na Academia Brasileira de Letras; denunciou, numa série de crônicas e reportagens, atentados ecológicos, a exemplo da construção da siderúrgica de Tubarão em Vitória do Espírito Santo e da Tibras, na Bahia, bem como o comércio de animais silvestres nas rodovias brasileiras [...] (RIBEIRO, 2009, p.88-89).

Conforme Ribeiro (2010), temos a capacidade, por meio dos assuntos abrangidos por Rubem Braga, nas experimentações artísticas deste, de visualizar a polivalência (várias habilidades) do cronista em relação ao domínio dos principais acontecimentos à sua época, não apenas a caráter nacional, mas também internacional. De acordo com Sousa (2012, p. 44), sobre os campos nos quais Rubem Braga atuava, ela diz: “[...] as áreas onde se pode conseguir uma boa pauta são várias, por exemplo: agricultura, política, esportes, cultura, cidades, mundo, ecologia, celebridades, tecnologia, ciências etc., tudo o que ocorre e causa interesse na vida cotidiana”. É significativo, portanto, o rendimento igualitário do cronista em todas essas áreas, em relação à produção de seus escritos.

No entanto, como uma imagem da relação do contexto do cronista a seu estilo, precisamente a ironia, faremos a análise de apenas uma crônica: “Aconteceu com Orestes”. Antes da análise, porém, vejamos algumas postulações teóricas sobre o estilo de Rubem Braga, especialmente a ironia.

3 O ESTILO RUBEMBRAGUIANO

Rubem Braga é autêntico em relação ao caminho que faz tomar sua arte: a crônica³⁴. Este é considerado um precursor do gênero no cenário moderno brasileiro. De acordo com Sousa (2012, p.15), em concomitância ao dito: “Rubem Braga é considerado o fundador da crônica moderna brasileira e um dos maiores cronistas do nosso país”. Assim sendo, o autor brasileiro é autêntico na escolha de um único veículo para disparar seus escritos- a crônica.

Há uma caracterização das produções textuais de Rubem Braga como sendo considerada uma espécie de testemunho:

³⁴ Conforme Sousa (2012) o termo advém de uma raiz grega *khronos* e está relacionado ao tempo. *Khronos*, em latim *chronus*, significa a personificação do tempo. A crônica empresta esta denominação (de maneira apropriada) por estar fortemente ligada ao tempo cronológico, sequencial, que pode ser medido em um momento indeterminado, em que alguma coisa importante aconteceu e precisa ser relatada.

Na literatura, a função testemunhal, na chave de Gérard Genette, pressupõe que o escritor indique a sua fonte de informação ou se mostre totalmente fiel às memórias ou sentimentos do fato em questão. Em outras palavras: o narrador esteve presente ou ouviu falar de um acontecimento importante e resolveu escrever sobre ele, não como um historiador, mas como alguém que pode dar fé. O escritor de testemunho tem a possibilidade de misturar ficção e realidade em sua narrativa [...] (SOUSA, 2012, p.14).

Desta forma, o escritor testemunha em suas crônicas uma originalidade, motivada pela sua transparência em relação ao que ele se propunha: tratar de questões relevantes à vida e seus problemas por meio da escrita das situações cotidianas. Consequentemente, o leitor capturaria e de maneira bem humorada a intenção do autor, haja vista que

[...] os cronistas sempre foram numerosos na imprensa diária e semanal, e Machado de Assis foi um mestre do gênero. Enquanto os maiores o praticavam como atividade lateral, Rubem Braga (1913-1990) pode ser considerado um cronista puro, e talvez o maior da literatura brasileira contemporânea. O seu estilo singelo, correto e elegante, cheio de humor e poesia, é admiravelmente apto para comunicar o sentimento da vida diária e descobrir aspectos sugestivos das mais variadas facetas da realidade. Reunidas em livro, as suas pequenas crônicas guardam o interesse das obras plenamente realizadas [...] (CÂNDIDO, 2009, p. 110-111).

Com base no comentário de Candido (2009), notamos que ele destaca o estilo de Rubem Braga: o cronista possuía um afeto pelas situações cotidianas, do simples viver do homem em suas diversas atividades, mesmo que nessa simplicidade, por mais nítida que fosse demonstrada, o cronista jamais omitia o testemunho de problemas sérios que afligiam a sociedade (de preferência a brasileira): desigualdade social, falta de atenção aos interesses da população, corrupção, dentre outros. É visível, assim, que a simplicidade do cronista não era sinônimo de uma possível suavização de seus escritos diante das mazelas sociais da época.

Artistas contemporâneos a Rubem Braga realizaram uma caracterização do estilo do cronista. Alguns desses artistas, inclusive, foram entrevistados pelo próprio Braga, quando este realizava suas atividades de repórter. Drummond, com grande admiração e respeito pelo cronista mencionou: “[...] a qualidade mestra e inesperada

de Braga: lucidez [...] anota os maravilhosos fenômenos da primavera e verão, que passam despercebidos ao comum, e trai deles o maior proveito existencial [...]”³⁵. Drummond enaltece Rubem por este ser um cronista lúcido, isto é: de uma intelectualidade clara e proporcionalmente profunda em realização ao que ele escrevia.

De maneira peculiar, Braga especialmente faz uso da figura de retórica *ironia*, como uma ferramenta capaz de trazer humor e crítica no conteúdo das suas crônicas, conforme será exemplificado na análise da crônica “Aconteceu com Orestes”.

3.1 O estilo irônico de Rubem Braga

A ironia³⁶ é um traço presente e significativo em boa parte das produções do autor Rubem Braga. Muitas vezes, segundo Sousa (2012, p.166), ao analisar uma das crônicas de Braga, menciona que “a ironia pode ser comparada a uma arapuca, uma pegadinha, com o objetivo de concluirmos que ele [Rubem Braga] zomba da situação, do leitor e do censor por caírem na sua armadilha”. Então, é evidente a caracterização de Rubem Braga como um debochador que, na simplicidade de sua arte, ironicamente zomba das situações e das pessoas que as protagonizam na vida em sociedade. Com isso,

[...] a ironia está relacionada à lógica da contrariedade entre duas significações, em que a figura (subentendida) estivesse em oposição à própria (expressa). Uma forma de linguagem que dá a entender o contrário daquilo que diz [...] se opõe a metáfora, já que esta compreende uma relação de semântica de semelhança ou equivalência [...] (BRANDÃO, 1983, p.20).

Com base na citação acima, não só podemos, mas devemos analisar as composições literárias de Rubem Braga sob um viés irônico. Neste sentido, é preciso olhar além do óbvio, o logo expresso nas crônicas de Braga. É necessário

³⁵ DRUMMOND, Carlos. *Rubem, Braga professor de lucidez*. Original- datilografado em 07 jan. de 1963. In: DUTRA, Katia. *Rubem Braga: o mestre das crônicas*. Disponível em: < <https://goo.gl/Cf7uPY> > Acesso em: 03 de out. de 2017.

³⁶Segundo o dicionário Aurélio (2000, p. 402), há duas definições para o termo *ironia*: “[O primeiro é:] Modo de exprimir-se em que se diz o contrário do que se pensa ou sente. [O segundo é:] Contrário fortuito que parece um escárnio”.

sermos perspicazes em relação à crônica dele, para que possamos extrair o subentendido, que muitas vezes é uma ideia contrastante ao que vem sendo dito sob uma primeira leitura realizada, ou ainda, uma leitura despretensiosa. Caso não se faça o mencionado, muito provavelmente ficaríamos com uma ideia equivocada no tocante à verdadeira intenção do cronista em sua prosa.

Em suma, constata-se, nas palavras da pesquisadora Débora Betânia de Santana (2006, p. 38-39), esta que considera a crônica e a ironia um casamento perfeito, o seguinte:

Na crônica, a ironia é a afirmação de algo diferente do que se deseja comunicar. Consiste em não dar às palavras o seu valor real ou completo, querendo significar o oposto do que se diz. É um disfarce delicado, um dizer uma coisa por outra. Quando um indivíduo usa de ironia, na maioria das vezes, não pretende ser aceito, mas compreendido e interpretado. O que diferencia a ironia do enunciado falso simples é a sinalização da contrariedade, geralmente sutil, por meio do contexto, da edição, da entoação, do gesto ou de outro sinal. A função da ironia na crônica é deixar o texto leve, levando o leitor à crítica, à reflexão e ao humor.

Neste sentido, temos essa leveza nas crônicas de Rubem Braga, gerada por uma suave rigorosa contrariedade em seus textos, em que, de maneira despretensiosa, sem a busca de uma aceitação, este busca apenas o nosso entendimento em relação às crônicas dele. Dessa maneira, ao haver o seguimento desses procedimentos por parte do leitor (leitura-reflexão-entendimento), ele chegará de uma maneira crítica, e ao mesmo tempo bem humorada, mas nunca levianamente, às questões sociais que vêm sendo levantadas e tratadas, por parte do autor Rubem Braga.

Assim, depois de termos realizado uma contextualização do cronista Rubem Braga, bem como pontuações importantes sobre seu estilo, dando destaque a ironia (com base em citações de estudiosos e artistas- como Carlos Drummond de Andrade- que leram e analisaram o cronista), temos suporte para a análise da crônica “Aconteceu com Orestes”. Nesta análise, será tracejado o estilo irônico de Rubem Braga, com base no contexto em que este vivia.

4 “ACONTECEU COM ORESTES”: IRONIA RUBEMBRAGUIANA VERSUS MIRAKOFF

Na crônica, inicialmente Rubem Braga³⁷ menciona uma das atividades corriqueiras dele, que é pegar o *Diário Carioca*³⁸ e ir de imediato à procura de uma seção do jornal chamada “Dia Astrológico”, sendo essa seção produzida por um redator denominado Mirakoff. Com base nessa atividade diária do autor, iremos fazer um recorte de três previsões de Mirakoff, em sua seção, e posteriormente, ver o estilo irônico de Rubem Braga ao lidar com esses três prognósticos. Como base para a análise dos três recortes que serão abordados neste artigo, é preciso levar em consideração uma comparação feita pelo cronista. Braga realiza uma comparação do que é dar atenção ao que está predestinado para si e para as pessoas que nasceram por volta do mesmo dia e mês que ele, com uma dada etapa na vida dele- quando este jogava pôquer:

Em minha tão distante mocidade gastei, confesso, em mesas de pôquer ou *cook-can* (naquele honrado tempo que não se falava nem de ‘buraco’ nem de ‘pif-paf’ ou ‘biriba’) [...] Nós, os sentimentais, não devemos jogar pôquer, jogo de matemáticos, é esta a moral. Criei, então, o hábito, muito comum entre tais viciados, de ‘filar’ ou ‘cheirar’ a carta perdida; e ao ver a seção “Dia Astrológico” faço o mesmo. Ponho a mão sobre o pequeno trecho referente a pessoas nascidas entre 22 de dezembro e 20 de janeiro, que são minhas companheiras de infortúnio, e a vou retirando devagarinho. Costumo entregar-me a esse exercício logo após as minhas abluções matinais, à mesa de café; e, palavra por palavra, vou lendo até o fim a sentença dos astros para o dia que se inaugura [...] (BRAGA, 1978, p.103-104).

³⁷ Na crônica, as experiências narradas se originam da própria vivência de Rubem Braga. Dessa forma, não há uma narrativa fictícia, mas factual do autor.

³⁸ O jornal teve início em 1928, fundado por Macedo Soares. Segundo Costa (2011, p. 10) em relação ao estilo do *Diário Carioca* e ao que ele se propunha: “era um jornal de elite, de poucos leitores, relativamente, mas de enorme influência, e que abrigou em sua redação alguns dos jornalistas mais notáveis que o Brasil produziu. Com seu característico senso de humor e requinte estilístico, encarnou como poucos concorrentes o espírito da antiga Capital Federal. Em matéria de política, foi a expressão fiel do estilo intemorato do seu fundador e principal editorialista. Nos seus 37 anos de vida, esteve quase sempre na oposição. Denunciou desmandos administrativos, produziu crises institucionais, derrubou ministros – tudo em nome de valores, como liberdade, probidade, legalidade, em que Macedo Soares, o ‘Príncipe dos Jornalistas’, acreditava acima de tudo”. O próprio Rubem Braga trabalhou no *Diário Carioca*, quando este enviava suas crônicas da Itália durante a Segunda Guerra mundial. Inclusive, o cronista era digno de elogios no desempenho de suas atividades: “É preciso ser escritor para descobrir poesia na guerra. [...] Era um privilégio para o DC ter, em 45, um repórter-cronista enviando matérias, mesmo com os textos chegando à redação com atrasos de um mês, dois meses. A visão das batalhas ficava mais humana mais humana e doce, apesar de a doçura ser mesclada com o cheiro enjoativo de sangue” (COSTA, 2011, p. 152).

Com base no trecho acima, já que no pôquer - não uma opção de jogo popular ao brasileiro tal como o buraco, biriba - o cronista não é felizardo em suas apostas, perdendo para “amigos” em mesas de jogatina (este chegando à conclusão de que ele não deve jogar mais, uma vez que pôquer, então, não é jogo para “sentimentais”, que trocam a razão nas estratégias por atos ingênuos e imprecisos na jogada, se deixando levar, por exemplo, pelas cores e símbolos das cartas), ele nota que é preciso encontrar a carta perdida (aquela que seria a necessária para ele vencer a mão no pôquer) nas previsões do “Dia Astrológico”, fazendo isso diariamente pela manhã durante o café matinal ao ler o jornal, aparentemente em busca de uma “sorte”.

Com isso, o cronista passa a mencionar algumas previsões encontradas nas seções de horóscopo que seriam oportunas para o dia dele. Ao mesmo tempo, o cronista demarca como realizar uma linearidade no dia para que as ações dos indivíduos ocorram em conformidade com o que é predestinado pelos astros. Notemos também, que muitas vezes o cronista já é objetivo em suas observações de como “não acontecer”- haja vista que algumas previsões são óbvias no tocante às situações cotidianas - o que é dito nas previsões de Mirakoff - já em tom crítico.

Um primeiro recorte das previsões de Mirakoff é:

‘Sarcasmo e dores de garganta; a tarde será favorável para negócios de minas’. Estremeço. Ouvirei ou direi sarcasmos? Como evitar dores de garganta? Qual dos meus amigos terá algum negócio escuso referente a minas para que eu possa adquirir urgentemente algumas ações e especular com violência? (BRAGA, 1978, p.104).

Conforme a presciência trazida, notamos que Braga não vê diretamente o efeito da previsão dos astros nas pessoas (que seria o esperado para os crentes nos astros, “talvez” ele como um), mas ele é que se sente predisposto em contribuir para a efetivação das previsões. Por exemplo: no caso de um amigo dele ter um revés trabalhando nas minas, Rubem, por ter sabido o que estava predestinado para o amigo, tomaria a iniciativa de se mover para encontrar soluções do porquê não ter acontecido de acordo com o que estava previsto para o amigo pelos astros. É evidente, então, a ironia por parte do cronista, demonstrando de maneira bem humorada, a bizarrice que seria pensar em uma obrigatória concomitância (que com

certeza pode acontecer, mas não pela regência da astrologia) na vida de um trabalhador nas minas com o que está prescrito em uma seção de jornal.

Logo após temos um segundo prognóstico no desenrolar da crônica, agregado já às observações de Braga:

Se o horóscopo anuncia: 'Notícias alviseiras e negócios promissores' confesso que espero o carteiro com certa ânsia, e me posto algum tempo junto ao telefone; se nada obtenho, dou as caras pela Rua 1º de Março à espera de que o Sr. Guilherme Silveira me encontre ali pela calçada do Banco do Brasil e abrindo os braços exclame:

-Oh, Braga! Você vai me tirar de uma grande dificuldade. Imagine que estamos com excesso de caixa aqui no Banco, e eu precisava me ver livre de pelos menos uns 150 mil contos. Você não conhece ninguém que tope um empréstimo? Olhe, eu faço a coisa barata, quatro por cento ao ano... Dê um jeito nisso, ó Braga irmão! (BRAGA, 1978, p. 104).

Mais uma vez Braga monta situações para que as circunstâncias e as pessoas conpirem a favor do anúncio do horóscopo. A partir disso, ele “confessa” que se está previsto boas notícias no prognóstico, ele então irá esperar o carteiro ansiosamente com alguma notícia satisfatória, como também ficará junto ao telefone na expectativa de alguém ligar para lhe dar uma boa nova. Ao mesmo tempo, caso ele não consiga o cumprimento da primeira parte da previsão, ele então vai se locomover em direção ao Banco do Brasil à espera de Guilherme Silveira, provavelmente pelo pronome de tratamento Sr, ser alguém de grande responsabilidade e poder na instituição bancária, evidenciado o poder deste mais ainda por ele poder realizar a idealização do cronista mencionada seguidamente: de haver um saldo excessivo no banco a ponto deste liberar um empréstimo de uma enorme quantia, 150 mil contos, para algum conhecido do cronista, e que este “felizardo”, poderá pagar a 4 % ao ano (que promissor, não?). É mais do que claro o fato de que tanto “a espera” do carteiro, quanto “a espera” de Guilherme Silveira, são situações de pouquíssima probabilidade de concretização. Dessa maneira, temos, em um tom escarnecedor, o quanto seria patético imaginar a realização dessas situações em conformidade ao anunciado no horóscopo, por Mirakoff. É possível caracterizar esse escárnio, disparado por Braga, segundo o teórico D.C. Muecke (1995, p. 78), como “[...] ironia verbal ‘de alto-relevo’ [que] é o elogio antifrástico no lugar da censura”. Sendo assim, o cronista arma uma armadilha

frente aos prognósticos, levando em consideração a censura deste para com as previsões astrológicas, no entanto, isso perceptível despindo a roupagem do elogio feito às presciências.

Por fim, é encontrado um terceiro e último recorte da ironia de Rubem Braga na análise deste artigo:

Também é impossível não ficar impressionado quando as “astralidades” (esta é uma palavra que parece exclusiva do Sr. Mirakoff) predizem simplesmente: ‘Espírito brilhante. Favorabilidades. Cupido está favorável’. Abro a máquina com ímpeto e imediatamente me ponho a escrever coisas estupendas; cada frase minha vai cintilando, faiscando, reverberando com singular talento. Feito o que, ponho a minha famosa gravata dourada, coloco uma pequena flor à lapela e saio para a rua cheio de ‘favorabilidades’, inteiramente a disposição das damas. Devo confessar que nem as damas nem o Sr. Guilherme Silveira parecem dar muita atenção aos astros. Leiam Mirakoff! – é a mensagem que lhes envio (BRAGA, 1978, p. 105).

O cronista, logo no início da citação acima, faz uma observação de modo um tanto crítico com relação ao uso exclusivo, por parte de Mirakoff, do termo “astralidades”, possivelmente pela ocorrência incomum da palavra. Depois, Braga coloca um tom simplista no que se refere ao presságio, ao dizer que Mirakoff “simplesmente prediz”³⁹: “Espírito brilhante. Favorabilidades. Cupido favorável”. Dessa maneira, então, para intensificar um escárnio em relação à predição, Braga narra acontecimentos, por iniciativa dele, para que o prognóstico possa surtir efeito em sua vida. Assim, se os astros dizem que haverá “espírito brilhante”, Braga pegará sua máquina de datilografar e irá “faiscar”⁴⁰. Isto é: por causa da previsão de Mirakoff, Braga irá realizar escritos, nesse dia da previsão, com uma habilidade singular jamais vista em suas produções (podemos notar como Braga é “grato” a Mirakoff pelo espírito brilhante previsto). Mas então, não pára por aí. Agora que o

³⁹ Costa (2011, p.364), depois de fazer uma abrangência de alguns que trabalhavam no jornal, demarca a figura do professor Mirakoff: “cuidava do horóscopo. Ele pegava a coleção antiga, do ano anterior, e praticamente copiava o prognóstico de determinado signo. Trocava umas poucas palavras, incluía alguma coisa nova, melhorava a previsão, modificava algo de acordo com o humor do dia, recorrendo a palavras agradáveis, não negativistas”. Conseguimos notar, assim, a predisposição de Rubem Braga, deferir sua ironia frente às previsões de Mirakoff, uma vez que estes, provavelmente colegas de trabalho no *DC*, mas que Rubem, notava a falta de engajamento do professor em relação a sua função no trabalho, constatado nessa última citação da nota.

⁴⁰ Forma metafórica, dentre outras trazidas na citação acima pelo cronista, para expor sua forte inspiração, seu brilhar, desejo, afinco, no ato da escrita.

cronista agiu sob o “espírito brilhante”, este não pode perder o resto do que está prognosticado para ele: “favorabilidades” e o “cupido está favorável”. Nesse sentido, Braga agora se arrumará colocando um belo traje, gravata amarela e uma flor na lapela, já que está favorável para namoro. Nota-se, portanto, remetendo-se novamente a Muecke (1995), o que é caracterizado como “Ironia Observável”: “[...] quando existe uma Ironia Observável o ironista apresenta algo irônico- uma situação, uma sequência de eventos, uma personagem, uma crença etc- que existe ou pensa que existe independentemente da apresentação” (MUECKE, 1995, p.77). Realmente se constata, pela sequência de eventos a serem descritas no próximo parágrafo, uma “crença” por parte do cronista em relação às presciências de Mirakoff, sendo possível, assim, se aproximar do pensamento real do cronista sobre os prognósticos.

Em concomitância à previsão, então, o cronista vai em busca das damas. No entanto, notamos uma quebra em relação à favorabilidade para Braga, não havendo harmonia para com a presciência (que trágico! Além do mais, assim como Braga, “todos” esperavam a efetivação dela, certo?) Como assim? Uma vez que Braga chega à conclusão de que o Sr. Guilherme Silveira⁴¹, como também as damas, deversem ler Mirakoff, podemos constatar, implicitamente, o seguinte fato: pela falta de leitura dos prognósticos de Mirakoff, por parte das damas e do Sr. Guilherme Silveira, não há como ocorrer à concretização da presciência. O que é estranho, haja vista que os astros regem de uma forma que as pessoas e as circunstâncias, que são a orquestra, deversem obedecer, sem saberem que estão sendo regidas por um maestro, que são os astros, independentemente da leitura da partitura (os prognósticos de Mirakoff, na seção “Dia Astrológico”, no *DC*).

Assim, depois de termos considerado esses três recortes da ironia rubembraguiana frente às predições de Mirakoff, só nos resta acatar o apelo expresso do cronista: “Leiam Mirakoff” (pressupostamente, tendo em vista a inutilidade de deixar a vida ser guiada por predições astrológicas: não leiam Mirakoff!).

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

⁴¹ Personagem relacionado à segunda predição trazida aqui no artigo que não contribuiu, “conforme o esperado”, a favor da predição do Sr. Mirakoff.

Neste artigo, vimos o contexto em que o cronista Rubem Braga estava inserido quando realizou a escrita das crônicas dele. Este, como cronista-repórter, ao produzir suas reportagens e conseqüentemente as crônicas- propagadas em jornais, como o *Diário Carioca* - conseguia passar imagens de alguns dos principais acontecimentos em dimensão internacional (tais como a Guerra Fria, comunismo, nazismo), como também em extensão nacional (estabilidade empregatícia, reivindicações dos menos favorecidos, a cultura do “jeitinho”, pena de morte e preconceito contra homossexuais e prostitutas). Constatamos, assim, a polivalência do autor, em ter um rendimento igualitário na realização de escritos sobre diversos temas (cultura, esporte, lazer, segurança, corrupção, dentre outros).

Notamos como o autor buscava, através de uma leveza nas crônicas, trazer o peso de diversas mazelas que afligiram (e afligem por alguns problemas serem comuns a todas as épocas) a sociedade. Para isso, em muitos casos, o cronista possuía um estilo irônico para se dirigir aos envolvidos nos bastidores dos problemas sociais. Por meio da ironia, Braga conseguia fazer o leitor ter um senso crítico do cenário em que este estava inserido. O leitor então iria muito além do exposto do texto, mas captaria a real intenção do cronista (o pressuposto na crônica). Ao mesmo tempo, também neste artigo, vimos a opinião de vários teóricos e artistas- a exemplo de Carlos Drummond de Andrade- sobre o estilo de Rubem Braga.

Por fim, amparados por um suporte teórico no tocante ao contexto do autor e o estilo dele, especialmente a ironia, realizamos a análise de uma crônica de Rubem Braga: “Aconteceu com Orestes”. Desta crônica, tiramos três recortes, sendo que, cada recorte fazia referência a uma previsão astrológica, por parte de Mirakoff, o responsável pelo horóscopo no jornal *Diário Carioca*. Braga, assim, em um ritmo bem humorado, produz a ironia, escarnecendo dos prognósticos de Mirakoff, tendo a intenção de mostrar o quanto seria insensato o indivíduo se deixar levar, com um espírito dependente, por previsões astrológicas publicadas em um jornal.

REFERÊNCIAS

BRAGA, Rubem. *200 crônicas escolhidas*. 2º ed. Rio de Janeiro, Record, 1978.

BRANDÃO, Roberto. *Figuras de linguagens*. São Paulo: Ática, 1983.

CANDIDO, Antônio. *A vida ao rés-ao-chão*. In__ A crônica, o gênero, sua fixação e transformações no Brasil. Campinas, Unicamp; Rio de Janeiro: Fundação Casa Rui Barbosa, 1992.

COSTA, Cecília. *Diário Carioca: O jornal que mudou a imprensa brasileira* – Rio de Janeiro: Fundação Biblioteca Nacional, 2011. Disponível em: <<https://goo.gl/eNs6Ep>> Acesso em: 03 de out. de 2017.

DRUMMOND, Carlos. *Rubem, Braga professor de lucidez*. Original- datilografado em 07 jan. de 1963. In: DUTRA, Katia. *Rubem Braga: o mestre das crônicas*. Disponível em: <<https://goo.gl/Cf7uPY>> Acesso em: 03 de out. de 2017.

FERREIRA, A. B. H. *Aurélio século XXI: o dicionário da Língua Portuguesa*. 3 ed. rev. e ampl. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1999.

MUECKE, D.C. *Ironia e o irônico*. Tradução de Geraldo de Souza. São Paulo: Perspectiva, 1995.

PORTILHO, Gabriela. *Rubem Braga: o maior cronista brasileiro do século XX*. Disponível em: <<https://goo.gl/YDveac>>. Acesso em: 03 de Outubro de 2017.

RIBEIRO, C. *Reverendo Braga: olhar renovado sobre um cronista combativo*. *Recôncavos*, Revista do Centro de Artes, Humanidades e Letras, v. 3 (2), n.04, p. 87-101, 2009.

SANTANA, Débora Betânia de. *Ironia: o tempero da crônica (estudos de textos cronísticos de Luís Fernando Veríssimo)*. 2006. 91 f. Dissertação (Mestrado em Literatura a Crítica Literária) – Universidade Católica de São Paulo, São Paulo. 2006.

SOUSA, Maria de. *No doce das crônicas de Rubem Braga, o testemunho de um narrador de alguns fatos de 1964 a 1967, nas páginas da revista Manchete / Ana Maria de Sousa* – São Paulo: A. M. de Sousa, 2012. 208 p.